

O que Está Dentro Está Fora: Prisão e Arte¹

Autora: Cleidi Albuquerque (UDESC)
Florianópolis, outubro de 2004.

Resumo

Este texto procura mostrar semelhanças entre a situação de dentro de uma prisão com o mundo de fora, dos cidadãos modernos. Parte do conceito de complexidade de Morin (2002) e procura demonstrar esta relação através de expressões artísticas do século XX. A pesquisa de campo foi realizada em 2002 na prisão feminina de Santa Catarina em Florianópolis. No discurso das prisioneiras e na interação elas, Goffman possibilitou entender a prisão como local de desculturação. O sonho dos prisioneiros é a liberdade, a reconquista de seus ideais. A arte moderna e contemporânea expressa estes mesmos desejos. Foram escolhidos os pintores americanos Edward Hopper e Jean-Michel Basquiat e o escritor francês Jean Genet como exemplos da busca de integração pessoal e social que tanto estão na prisão como na sociedade. Foram apresentadas obras muitas vezes distantes do Belo consagrado socialmente tratando esteticamente questões éticas impostas pela da modernidade pragmática, injusta, racionalista. Assim a ânsia por liberdade de quem está dentro das prisões é semelhante a dos de fora: a possível liberdade da sociedade moderna é vazia, triste, ociosa.

Palavras Chaves: Prisão, Modernidade desencantada, Edward Hopper, Jean-Michel Basquiat, Jean Genet, política da amizade.

¹ Este artigo foi parcialmente publicado no livro Território & Sociabilidade: temas e práticas interdisciplinares. org. Pedro Martins; textos de Pedro Martins ...[et. al.]. Florianópolis: PEST, 2009.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido.
(Morin, 2002: 36)

Introdução

Este trabalho é uma busca para compreender a arte e a estética dentro da complexidade do mundo atual. Explicar o campo da arte circunscrito ao do campo da estética não dá conta da riqueza das surpreendentes expressões da própria arte de hoje. O conhecimento pertinente segundo Morin sugere a busca do sentido no complexo e dinâmico contexto da realidade.

O texto que segue é um exercício de aproximação de campos sociais e conceituais tentando abrir um caminho para compreensão mais ampla da arte para além de seu campo restrito. A idéia de entrar no universo da prisão pareceu-me uma oportunidade de relacionar a arte com um mundo aparentemente sem relação com ela, acreditando que, nesta aproximação, seria possível encontrar algum tipo de correspondência.

Dentro desta perspectiva, no ano de 2002, me propus a trabalhar com o tema da arte e da estética na prisão, um tema aparentemente paradoxal, porém coerente com a visão de que a realidade é complexamente dinâmica e que qualquer situação local está relacionada com o global (Morin: 2002, p.37). Aqui se fundamenta a pertinência em estabelecer ligações entre campos vistos pelo senso comum como sem nenhuma relação entre si. Definido e justificado o âmbito do trabalho, a pesquisa empírica coloca outras questões. Que direito tem os pesquisadores de tomar um grupo como objeto de estudo? Que responsabilidades daí decorrem? Como tratar os sujeitos "nativos": como objetos de conhecimento ou como detentores de conhecimento? Que tipo problemática os sujeitos tem interesse de resolver? Quais formas de interação são mais adequadas?

Com estas perguntas ainda sem resposta insisti em realizar o estudo. Tive a feliz oportunidade de encontrar uma professora, religiosa ligada com a

Pastoral Carcerária² que aceitou-me como ajudante nas suas aulas na Penitenciária Feminina de Santa Catarina, em Florianópolis. Quando, finalmente, tive meu primeiro contato com a Penitenciária do Estado, dei-me conta que, para realizar qualquer ação, deveria conhecer mais de perto a realidade. E, principalmente, tomar-me confiável por parte dos presidiários e dos funcionários da instituição. Como coloca Zaluar (1994, p.72), referindo-se a sua pesquisa em favelas no Rio de Janeiro, é muito difícil entrar no universo da criminalidade, os discursos tendem a ser superficiais sem a possibilidade de compreender sua dinâmica interna. Decidi acompanhar a professora nas suas aulas para presidiárias como forma de aproximar-e das prisioneiras sem violar suas intimidades. A professora foi sempre muito gentil comigo. Mostrou-se sinceramente interessada em ajudar as alunas presidiárias e os presidiários que assistia em visitas semanais da Pastoral. A ela devo esta oportunidade de vivenciar o mundo da prisão e o privilégio de testemunhar sua dedicação sincera, bem longe da mera filantropia.

Durante dois meses estive seis tardes como ajudante nas aulas para as presidiárias e acompanhei a professora algumas vezes, na área da administração da Penitenciária masculina. Assim entrei em contato com este universo e consegui registrar informações necessárias para a proposta de estudo sem sentir-me como uma invasora, pois também pude colaborar com a professora em suas aulas. Acredito que esta experiência possibilitou lidar com a difícil situação da pesquisa que pode transformar os sujeitos observados em mero objeto de estudo.

Este texto resulta de reflexões a partir de observações, entrevistas informais com prisioneiras, funcionários da prisão, com a professora e participação no ensino das prisioneiras. Usando estas informações diretas tentei aprofundar, relacionar e sistematizar algumas idéias para a aproximação da arte com o universo da prisão.

² A Pastoral Carcerária faz parte da ação pastoral da Igreja Católica e visa "não somente a assistência espiritual, mas toda a ajuda que for possível, a eles e suas famílias (...)" (Apostila/CNBB, 1999:4).

O Universo da Prisão

Estamos em frente de um muro. Uma coisa com forma definitiva. Sabemos pelos outros que atrás dele estão os criminosos, culpados. O muro nos defende deles, dos maus, nós os bons. Ficamos protegidos pelo muro do que há de perigoso do mundo. Ele O nos separa, é a materialização, o estado físico de uma classificação necessária para nos livrar da ambiguidade entre o certo e o errado, o bem e o mal.

Muito já se escreveu, se pensou, se sonhou, se pintou sobre prisão. Hoje a insegurança nas cidades não é mais tranquilizada pelos seus muros. É tanta a tensão que nos parece que eles deveriam ser mais altos, que o controle sobre os criminosos deve aumentar, que a polícia precisa de mais armas, mais carros, métodos mais científicos e tecnologia³ mais sofisticada para a segurança dos cidadãos. A área do direito penal envolve milhares de juristas, advogados para lidar com a difícil tarefa e classificar o justo e o injusto. O sistema penitenciário suga recursos dos cidadãos para sustentar os criminosos; remunera uma multidão de funcionários designados ou concursados que passam diariamente pelos portões e se ocupam no controle deste mundo que ninguém gostaria que existisse. O Estado espalha seu sistema de segurança pública que quase nunca a garante. E a maioria dos cidadãos espera que as autoridades os protejam das ameaças a sua segurança e se defendem também com muros, grades, cachorros, alarmes, guardas privados. Mas os muros da prisão são permeáveis. Os meios de comunicação não param de alardear crimes, injustiças, misérias e horrores dentro e fora da prisão. Há também pessoas e mesmo instituições que, voluntariamente, adentram estes muros com seus propósitos de levar alternativas de trabalho, educação, religião, justiça e mesmo roupas e alimentos para os presidiários. Mas os muros das prisões não solucionam a criminalidade; mesmo com ajuda, os criminosos não se recuperam. Então o que fazer?

O sistema prisional não é muito antigo na história do ocidente. Ele surgiu para substituir o suplício público exemplar. Segundo Foucault (1987) os

³ Como exemplo a cela prisional denominação dada a estruturas de metal construídas sobre chassis de contêineres. São celas móveis, de segurança máxima destinadas a resolver o problema de superlotação das prisões brasileiras (cf. Diário Catarinense, 23 maio 2002).

reformadores franceses catalisaram a indignação contra a justiça discricionária do poder monárquico que legitimava esta forma de tortura pública exemplar. Em 1829 o *Traté de Droit Penal* prescrevia: 'Que as penas sejam moderadas e proporcionais aos delitos, que a morte só seja imposta contra os culpados assassinos e sejam abolidos os suplícios que revoltam a humanidade' (citado por Foucault, 1987, p.63).

No fim do século XVIII, o crescimento do capitalismo na França trouxe a prosperidade, a criminalidade diminuiu e o poder aristocrático se esvaziava. A filosofia das Luzes expressada na Liberdade, Igualdade e Fraternidade se expandia. O judiciário tomou-se um dos pilares do Estado para garantir a nova forma de poder. O novo arranjo econômico e político não era mais compatível com os suplícios.

Segundo Baumam (1997, p.13), a sociedade moderna organizou o poder assentada no princípio da universalidade baseado na filosofia racionalista, codificada em normas sociais pelos legisladores. O princípio universalista do racionalismo pressupõe que todo o ser humano tem noção de ética e que, portanto, tem consciência do que é correto. Disto decorre que é possível estabelecer leis fixando o que é certo ou errado. Por isto as regras morais da sociedade, as leis, podem ser estabelecidas de forma abstrata, externa aos aspectos diferenciados de cada ser humano. Disto decorre que devem ser obedecidas obrigatoriamente por todos para o bem de todos. Aos legisladores coube a codificação destas regras em leis num determinado território soberano. " ... o pensamento e a prática morais da modernidade estavam animados pela crença na possibilidade de um código ético não ambivalente e não aporético"(idem, p 15). Esta crença de que as pessoas reconhecem a lei abstrata e sabem as razões de segui-las, na verdade, encobre as hierarquias do poder político . "Problemas morais saem do campo da autonomia moral para o campo da heteronômia amparada pelo poder"(idem, p 16). Na verdade, filósofos e legisladores expressaram a moral dos poderes dominantes do Estado moderno. Universalizando para todos uma moralidade de acordo com interesses particulares de uma classe, tomando a parte como todo, os filósofos e os legisladores modernos colocaram a ética, definida como

universal, a serviço do poder dominante, particular. Toda a legislação penal burguesa, nascida pela repugnância pelo suplício aristocrático, buscou a humanização, tratou de respeitar os direitos humanos, quis readaptar, reeducar o prisioneiro. Porém sofre de uma contradição interna insolúvel: a concepção básica da desigualdade da estrutura econômica e social moderna. Esta hierarquia injusta codificada em leis para julgar os erros e os culpados a partir de uma estrutura desigual. E os que são rotulados pelos processos do sistema judiciário como culpados (justa ou injustamente) são marcados pelo estigma da passagem pela prisão para toda vida..

A prisão como local de desculturação: passando para dentro e um discurso nativo

Para ultrapassar os muros da prisão é preciso mais do que passar o portão. Quando passamos para dentro carregamos junto tudo o que pensamos, sonhamos e sabemos sobre prisão. Adentra-se para um mundo real desconhecido que nos podemos invadir, desrespeitar limites sem perceber e nos causar problemas como pesquisadores ou pessoas. Nossos interesses não são os mesmos que os dos "nativos" e nos cabe uma observação discreta. A oportunidade de entender os interesses locais é resultado de paciência, mas também de acaso. Como já foi acima explicitado, durante os períodos que passei na prisão feminina, fui professora e pude me valer desta situação para conhecer um pouco da vida das presas. Mas além disto, tive a boa sorte de encontrar alguns trechos escritos num livro por uma mulher desconhecida expressando aflições e confidências.

Passando para dentro

Quando fiquei a primeira vez na frente do portão da Prisão Feminina, custei para encontrar a campainha⁴ escondida atrás de uma viga vertical. Estava decidida a entrar mas preocupada com o que aconteceria: seria aceita

⁴ A porta no meio do muro alto não me pareceu ser de uma prisão. Cheguei junto com um motoboy que trazia mantimentos de uma mercearia. O comércio do bairro se relaciona com este "cliente" como outro qualquer. Realmente, a prisão feminina é pequena e singularmente parecida a uma casa de família se comparada ao enorme conjunto da prisão masculina com terreno contíguo.

pelos funcionários? E pelas presas? Em que eu poderia ser útil? O que poderia aprender? Não pude deixar de sentir-me intrusa. Uma agente com chaves apareceu-me contra o fundo de uma escada de muitos degraus. Tentando não demonstrar meu constrangimento, apresentei-me como ajudante nas aulas da professora X. Depois de subir os degraus entre duas paredes altas, tive a primeira visão geral do lugar. Um pátio de terra batida mais ou menos em declive e de chão irregular com um pequeno arbusto desfolhado no centro cercado nos quatro lados por construções irregulares com aparência de improvisadas. Avistei neste pátio mulheres jovens e algumas muito jovens espalhadas em pequenos grupos aparentemente sem fazer nada. Ouvia-se o som de um rádio e algumas vozes que cantavam. Afinal o que eu estava vendo? Nada tão diferente de um ambiente de favela, paredes descascadas pelo tempo e pelo descuido. Ou prédios públicos de cidades de interior. Mulheres pobres, como as que cruzo nas ruas⁵, lojas de qualquer cidade brasileira. As mulheres que vi pareciam tristes e indolentes. Por indicação da funcionária que me atendeu encontrei a sala de aula onde estava a professora minha conhecida com quatro alunas. Uma pequena sala com carteiras e cadeiras muito usadas, uma velha escrivaninha, um quadro para giz e um armário amontoado de livros didáticos e revistas empilhados de qualquer jeito. A sala tinha uma aparência descuidada com os móveis dispostos sem ordem e um pouco escura já que suas paredes, como as exteriores, também pareciam não receber qualquer pintura há muito tempo. Apesar de tudo, animei-me com a recepção da professora que me apresentou as moças. Passei mais de uma hora ajudando uma delas a preencher lacunas num livro didático de português de nível do primeiro grau⁶. Minha aluna não conhecia muitas palavras, uma delas era “disco voador”. O que me causou espanto! Depois de algumas tentativas infrutíferas de explicar esta palavra através de descrições orais, encontrei uma imagem dela numa revista que achei no armário. Com esta visualização a moça foi então capaz de entender a poesia que estava lendo no

⁵ Meses mais tarde cruzei com N, uma presidiária que havia gostado de desenhar nas aulas, caminhando numa calçada do bairro onde moro.

⁶ Os livros utilizados são os usados nas escolas de primeiro grau e os conteúdos e forma são planejados para crianças. Em nenhum momento isto foi comentado pela aluna. Talvez a falta de atenção dela, surgida em pouco tempo pode ser explicada por serem imagens e textos infantis.

livro didático. Depois de conversarmos sobre o texto, seguiu-se a leitura das perguntas de interpretação para serem respondidas por escrito. A escrita não foi muito difícil para ela, porém, surpreendentemente, foi difícil para ela encontrar no espaço da página o local onde escrever. Como a maioria da população, ela não tinha intimidade com a diagramação de livros; a escrita não é uma necessidade cotidiana para quem vive do trabalho manual, que é o que a maioria destas mulheres realiza. Enquanto constatava as dificuldades de minha aluna, meus pensamentos se amontoavam em contradições como: eu estava gostando de estar ali, sentindo-me útil mas tinha a sensação de tudo o que fizesse seria inútil porque não tinha qualquer perspectivas a médio prazo para o sucesso dos estudos daquela pessoa e mesmo para meu trabalho como pesquisadora e professora. Numa das muitas interrupções, pelas saídas e voltas de cada uma das alunas facilmente dispersivas, uma delas trouxe café em xícaras sem pires. Imediatamente aceitei uma pois queria que acreditassem que eu estava integrada no mundo das alunas. Mas surpreendi-me comigo mesma pois senti repulsa pelo café. Algo a ver com higiene, uma a sensação confusa relacionada com medo de contagiar-me com alguma doença transmitida pela xícara ou pela bebida.⁷

Voltei mais cinco vezes na prisão feminina e continuei ajudando nas aulas. As alunas rareavam cada vez mais. Numa das vezes uma das alunas levou-me para conhecer seu quarto. Ficava num dos dois blocos de quartos. Neste, depois de uma pequena escada e um espaço coberto (uma pequena varanda) se chegava a um corredor. No quarto havia dois beliches, roupas espalhadas, cada uma das quatro camas cobertas com colchas de padrões e cores diferentes. O que se via no quarto eram objetos pessoais. Um cheiro abafado de umidade pairava no ar, espaço apertado, sendo livre apenas um estreito corredor entre as camas apinhadas de panos. Fotos de familiares e

⁷ A higiene é um campo que marca fronteiras culturais. O medo do contágio ameaça nossa integridade. A sujeira faz parte de uma ordem de classificação (simbólica) no âmbito da separação entre grupos sociais. Assim como o muro nos separa do mundo do crime, esta distância continua quando passamos para dentro. Precisamos nos manter afastados da impureza e, quando ela nos ameaça temos que lidar com ela. Às vezes e em situações inesperadas do cotidiano, como numa xícara de café nos surpreendemos com nossos próprios mecanismos classificatórios mais abrangentes. "Como se sabe a sujeira é, essencialmente, desordem. Não há sujeira absoluta, ela existe aos olhos de quem a vê. Se evitamos a sujeira não é por covardia, nem receio ou terror divino ... A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um esforço negativo mas um esforço positivo para organizar o ambiente" (DOUGLAS, 1976, p.12).

recortes de revista estavam presos nas madeiras das camas. A aluna mostrou-me a foto de um familiar, satisfeita com "seu" espaço⁸. Enquanto fazia esta visita eu me lembrava do livro de Goffman (1990). Eu estava numa prisão de verdade vivendo seu conceito de instituição total:

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN 1990, p 11).

Ali estavam muitas pessoas confinadas, longe de suas famílias, por tempo definido para permanecer para as já penalizadas misturadas com outras ainda sem julgamento. A vida fechada entre muros, sem contato com a sociedade e vigiadas por funcionários. Homens e mulheres hierarquicamente organizados, responsáveis pelo cotidiano, pelas relações das presas com a justiça e para garantir seus direitos à integridade física e moral.

Goffman (1990) adianta-se em identificar vários dos tipos destas instituições. Considera que os prisioneiros não estão lá por vontade própria e que são organizações para proteger a sociedade de pessoas perigosas e antissociais. O objetivo imediato da prisão (e dos campos de concentração ou prisioneiros de guerra) não é o bem estar dos confinados (Idem, p 16).⁹

O autor mostra exaustivamente com dados da metade do século XX (e mesmo depois da proclamação da Carta dos Direitos Humanos) de países ricos como os Estados Unidos e Inglaterra a instituição prisão trata os condenados de forma humilhante e desagregando sua personalidade. Como psicólogo social, chama a atenção para a situação complexa da dinâmica entre os grupos dos presos e dos funcionários. De um lado os internos, cativos que vivem dentro da instituição e de lá não pode se afastar; de outro a equipe de funcionários que, após o período de trabalho, vive fora da instituição. Não é

⁸ Pelo menos para uma das alunas que vivia na rua desde criança, este tipo quarto lhe trouxe conforto.

⁹ Aqui podemos recordar que a dignidade humana defendida como princípio pelos reformadores franceses do século XIX pode ser aplicada de muitas formas. Os processos históricos de cada nação e mesmo de cada região, os problemas econômicos e a desigualdade social lidam com o princípio abstrato de maneiras diferentes. Em nome do humanitarismo a violência física e moral ainda são comuns nas prisões brasileiras.

possível compreender um caso de um prisioneiro de instituição total sem identificar os princípios e os mecanismos da organização encarnados pelos seus funcionários ao interagirem com os prisioneiros. A prisão é uma organização burocrática, racional planejada para atingir os objetivos da instituição. A vida dos cativos implica em seguir “uma sequência de atividades, com horário rigoroso (...) imposta de cima por regras formais explícitas através do grupo de funcionários” (Idem, p 18). Os dois grupos se relacionam a partir de hostis estereótipos recíprocos: os internos vêem os dirigentes como arbitrários e mesquinhos e a equipe vê os internos como amargos e não merecedores de confiança. A equipe se percebe como superior e correta e vê os prisioneiros como inferiores, censuráveis e culpados (Idem, p 19). Os funcionários da equipe têm o papel de mediar a comunicação do prisioneiro com os funcionários de nível superior e estes com o mundo exterior. Nesta economia de poder a base e o controle da qual deriva a dessocialização do interno que, permanentemente vigiado perde seu “eu”, sua forma anterior de conviver com o mundo familiar e do trabalho. O processo de institucionalização é uma série sucessiva de rebaixamentos, degradação e humilhações, mortificação do “eu” através da qual o prisioneiro deixa de ter o direito a seu tempo, seus gostos, a suas expressões de desgosto; sua privacidade é invadida, sua aparência desfigurada pelo uniforme e, principalmente pela ridicularização de suas ações espontâneas (Idem, p 24). O resultado do processo de viver nestas instituições de opressão é a desculturação dos indivíduos gerada pela insegurança física e a infantilização da personalidade adulta. Esta forma de ver a prisão de depois da Segunda Guerra Mundial, (que persiste ainda hoje, século XXI) indica que a estrutura prisional é incapaz de fazer jus ao princípio da igualdade. E mais, é um sistema que desintegra a pessoa tornando-a incapaz de, ao sair da prisão, ser capaz de cuidar de si como deve fazer um adulto. Assim acaba tornando-se sim um peso sua família e, no limite para toda a sociedade que vai rotulá-lo de doente físico ou mental. E de novo vai aprisioná-lo se cometer outro crime. Quem passa pela prisão torna-se incapaz de lidar com o preconceito da sociedade que recai sobre ele como uma maldição: ser ex-presidiário.

Apesar de não haver mais suplício, não significa que haja humanização no modo como são tratados os prisioneiros que corresponda a que o "criminoso é, finalmente, humano". O contato que tive com os agentes prisionais (nome atual para carcereiro) foi esporádico. Numa das vezes que entrei, fui atendida por uma funcionária que, pela primeira vez, revistou-me. Eu havia levado uma sacola com folhas de desenho e ela, antes que eu passasse a cerca de tela (sem portão) que divide as salas dos escritórios do pátio, mandou-me abrir a sacola comentando: "Pode ter uma arma aí". Abri exageradamente o pacote reagindo com um misto de raiva e embaraço frente sua ousadia em suspeitar de mim. Várias vezes ouvi estes agentes se referirem as prisioneiras como "reeducandas". Uma expressão que me soava falsa vendo as prisioneiras ociosas espalhadas pelo pátio. Muitas dormiam o dia inteiro, comentou uma aluna. Ao contrário do modelo geral de prisão, esta não estabelecia rotinas obrigatórias; a administração do tempo ficava a critério das presas.

As aulas dentro na prisão seguiram um ritmo muito pouco linear. A desmotivação das alunas correspondia ao clima geral. Tanto na prisão feminina como na masculina são ministradas aulas por professores da rede estadual que preparam os presos e presas para exames supletivos. Existiam outras atividades dentro da prisão que eram desenvolvidas por grupos voluntários, religiosos ou não. Além das visitas e de missas da Pastoral Carcerária, a igreja Assembléia de Deus realizava cultos dentro da prisão. Numa das visitas que fiz na Penitenciária masculina, mostraram-me uma instalação na qual funcionava uma fábrica de sinos. Havia algumas atividades esparsas oferecidas para as prisioneiras. Em primeiro lugar a de assistirem aulas para fazerem provas de primeiro e segundo grau. As de primeiro grau são ministradas por professores designadas da rede pública estadual de ensino. A professora designada encontrava-se em licença na época, sendo substituída pela professora que me aceitou como ajudante. Muito poucas presas estavam assistindo regularmente as aulas. Uma aluna trouxe bijuterias que havia aprendido com voluntários. Uma Organização Não Governamental¹⁰

¹⁰ Esta ONG desenvolveu o projeto em convênio com a Coordenação Nacional de DST/AIDS entre 2000 e 2002 através com oficinas sobre temas de saúde, drogas, sexualidade, gênero, marginalização e violência através de fotografias, teatro, textos, desenhos, vídeos e edição de um jornal com a participação das presas.

desenvolveu um projeto (Vôo Para a Liberdade) com objetivo de prevenir doenças sexualmente transmissíveis principalmente AIDS. Este trabalho resultou numa exposição de fotos sobre as prisioneiras numa sala grande, destinada para cursos. Visitei a exposição de fotos de retratos em preto e branco ampliadas, expostas nas paredes com musica de rádio como fundo. Algumas mulheres retratadas estavam no local, ouvindo a música e cantando. Um dia, uma das alunas foi até a sala de aula e disse que precisava terminar seu trabalho¹¹ de montar pecinhas para telefone, pois estava atrasada para a entrega. Levando em conta que as aulas somente aconteciam uma vez por semana e, que ela nunca permanecia por muito tempo na sala, estava evidente que sua motivação para estudar era pouca. Estudo, ações alternativas e trabalho são oferecidos. Mas de forma pouco sistemática e sem estrutura ou orientação pedagógica. A religião Assembléia de Deus oferecia cultos na sala da cozinha. Ouvi os cantos misturados com o rádio ligado pelo menos durante duas tardes. Todas estas atividades não estavam entusiasmando a maioria das internadas. A ambiente geral era de estresse e tristeza. Não é de se esperar alegria e entusiasmo neste lugar. Mas estava notório que a "reeducação" não tinha direção definida. Numa sala fora dos muros, a diretoria parecia sempre ocupada com problemas de disciplina e atendendo demandas burocráticas.

Os problemas de disciplina na época consistiam em brigas entre prisioneiras. Uma das alunas mais velhas se queixava de não poder dormir por causa de "festas" noturnas. Havia boatos de uso de drogas. E também de abuso sexual por parte de agentes prisionais homens. A maioria das internas era jovem. Muitas casadas e mesmo com filhos pequenos. Entre as presas havia um ou dois casos de homossexualismo que foram comentados durante as aulas. Como a prisão feminina está em terreno contíguo com a masculina, havia, na época, possibilidade de comunicação entre as presas e os presos. Por cima dos muros, distante mais de 300 metros eles se abanavam e eram trocadas cartas. E elas podiam esporadicamente visitá-los na prisão

¹¹ Várias internadas montavam peças para telefone a serviço de uma empresa local. Trabalho repetitivo e minucioso de juntar pequenas partes com uma ferramenta de apertar.

masculina¹². Disputas de liderança, interesses amorosos, problemas familiares, financeiros entre outros alimentam as divergências e o "problema de disciplina" na prisão mostra os problemas, por vezes infernais, de viver internado ou conviver com os internados. A aparente liberdade das presas não excluía estarem constantemente vigiadas. Neste tipo de instituição cada um dos prisioneiros é alvo de controle total. Nenhuma privacidade é possível, uma visão panóptica¹³ se mostra tanto na arquitetura como na observação dos comportamentos. Todos são expostos a uma visibilidade total. O espaço da prisão feminina segue este modelo. As construções ao redor do pátio permitiam que os funcionários tivessem uma visão geral dos espaços e das pessoas para controlá-las durante todo o tempo. O modelo do século XIX está aqui e agora: colocando cada interno sob suspeita, justificando assim a destruição da intimidade pelo controle visual e os funcionários estão legitimados para punir qualquer ato de indisciplina. A expectativa sobre os presidiários é de sejam sempre criminosos. Mas são pessoas que precisam ser reeducadas para voltar a vida social. Assim não há como este paradoxo não pender para o lado da desumanidade dentro de uma instituição total. O olhar punitivo é incompatível com a educação. Talvez possa alcançar alguma forma de reintegração a uma sociedade doentia e perversa treinando prisioneiros aptos a conviver com os mecanismos perversos de uma economia e sociedade às vezes semelhantes à vida entre os muros da prisão.

Culpado ou inocente, ninguém escapa da humilhação de ser presidiário. Uma das alunas mais assíduas foi uma mulher menos jovem, faxineira e mãe de filhos adolescentes. Estava presa há dois meses sem julgamento. Morava na favela da Via Expressa do bairro do continente e foi transferida para um conjunto habitacional na Serraria. Lá vivia com um dos dois filhos. Sua casa foi invadida pela "galera" do bairro que ela encontrou, ao voltar do trabalho, comendo na sua mesa da cozinha. Um dia, policiais entraram na casa armados

¹² Os presidiários casados têm direito a receber visita íntima da esposa, como relata Hassen (2001:261-287) com dados da cidade de Porto Alegre. No caso destas presidiárias deste estudo, elas se encontravam com os presidiários homens sem ter qualquer relação formal ou baseada em uniões estáveis.

¹³ O conceito de visão panóptica de Foucault se mostra claro na prisão. O preso está consciente de que está sempre visível, o poder sobre ele é total. Está trancado, não tem onde esconder-se, não tem chance de qualquer

e atirando e acharam um pacote de maconha no armário de sua cozinha. Foi algemada e levada para a prisão. O advogado pedia R\$250,00 por mês. Desde que foi presa estava sem pagar a casa e a água. Muito triste, sentia-se injustiçada e obrigada a conviver com pessoas que lhe espezinhavam. Uma de suas patroas de faxina se comunicava com ela. No último dia que fui à prisão, soube que ela havia sido libertada. Esta é uma história, um caso exemplar da peregrinação do povo brasileiro, o "caboclo" em geral. Uma massa de excluídos, geralmente expulsos do campo sem mais condições de sobrevivência e indo de periferia a periferia das cidades. Uma caminhada incerta buscando alcançar, algum dia, algum tipo de repouso. Exemplar também a condição desta mulher, chefe de família, mãe de dois filhos jovens, sem marido. Esta situação de famílias sem homens chefe de família, é frequente entre populações de periferias urbanas, favelas do mundo inteiro¹⁴. Mulheres chefe de famílias, sem marido em casa, são desrespeitadas por grupos de traficantes e servem para desfazer-se de drogas em suas casas em momentos de perseguição (como parece ter sido o caso que levou esta faxineira ficar presa por dois meses acusada de crime que não cometeu).

Ao mesmo tempo que eu ouvia algumas das histórias, como a desta pessoa, percebia que alguns fatos seriam versões, performáticos, adequados ao público ouvinte e também ao estado emocional do momento de quem contava. Neste caso em particular, a faxineira mencionou um filho mais velho que já tinha um filho; que aparecia raramente na sua casa de moto e não conversava com ela. É possível que este filho estivesse envolvido com tráfico de drogas. E que ela soubesse e se preocupasse com o destino dele, mas reconhecendo sua impotência frente aos problemas dele. Não me cabe aqui o papel de descobrir culpados mas sim ouvir as falas e tentar compreender as histórias. Talvez esta mulher suspeitasse que o filho tivesse deixado na sua casa a droga que a levou para a prisão. Ou que simplesmente ela estaria magoada por ele estar tão distante dela. De qualquer maneira sua situação era

privacidade. "A plena luz e o olhar constante de um vigia captam melhor que a sombra [da masmorra], que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha" (FOUCAULT, 1987, p.166).

¹⁴ Uma outra aluna, muito jovem, nascida em São Paulo, falava muito da avó que a criou. Era dela que tinha saudades e queria muito falar com ela por telefone. Mal comentava sobre a mãe e nunca mencionou o pai.

objetivamente triste e, para ela, conversar com meias verdades com pessoas de fora da prisão, pode ter trazido algum tipo de alívio no momento.

Um discurso nativo

Além do contato com as prisioneiras tomei contato com outro discurso, desta vez por escrito. Folheando livros do armário da sala de aula encontrei um livro pequeno com o título "Poderá Viver Para Sempre no Paraíso da Terra" publicado pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de São Paulo. Nas contracapas em branco do livro, haviam palavras e pequenos textos escritos de uma prisioneira: uma lista de nomes, textos datados de 1995 e 1996 e outros sem data.

Esta frase do final do livro estava sublinhada: "Mantenha o novo sistema de Deus bem vivo na sua mente e no seu coração" seguida da palavra "MENTIRA" escrita a caneta. O uso do livro para escrever parece mostrar o pouco valor a ele dado. E a palavra "mentira" após a frase religiosa, rejeição à religiosidade.

Na primeira contracapa haviam dois textos datados e sem assinatura. Eles estão abaixo transcritos com a ortografia da própria autora. O primeiro de 5.3.95:

Hoje me encontro nesse lugar que só nos alimenta de ódio e rancor. Preciso ir embora desse lugar triste e medonho pois quero ver Meus filhos que tanto amo.

Separado por uma linha quebrada por um x o outro texto com a mesma letra, datado de 29.3.95:

Hoje faz dois anos de Cadeia tive certeza de uma coisa vou conseguir o Meu bonde pois o Diretor foi honesto comigo. Pois ele é um Diretor de palavra.

Na outra contracapa havia outro texto com a mesma letra e assinado por três letras:

E estou presa nesse Lugar horrível e nojento esse e o Lugar cheio de regras para uma cadeia pequena. atitude poucos tem a civil Manda

[ilegível] e Diretor não existe todos sem competência mandam acham que são os donos da verdade só porque nos trancam e abrem estamos sendo tratados como bichos a qual só temos direito a tranca.

Essa foi a pior cadeia que já passei esse é o lugar do veneno.

Sairemos daqui loucos para medir nossa febre na rua alguém vai pagar.
MML.

C.M.S. K.M.S. M.M.S.¹⁵

Meus filhos que tanto amo estou a três anos sem ver eles, a saudade me devora, e a revolta é maior ainda, hoje não sou aceita pela sociedade, mas pouco me importa, Vou dar a volta por cima. Entrei com dois artigo na cadeia vou sair com todo.

E pode ter certeza alguém vai pagar por isso quando eu sair, nada ira mudar a minha cabeça nem o sofrimento.

MML

11.4.96

Recebi uma carta do meu gato de Brusque, não sei pelas pouca palavras que ele me escreveu tenho medo do que estou pensando, acho que ele Anda meio perturbado não está escrevendo coisa, com coisa. Tenho tanto receio de logo ele vai para uma Pênita bem resumindo não vai aguentar pois é delicado além da conta.

Dia 15.4.96

Ele vai fazer 23 aninhos ele ainda e uma criança e precisa de Proteção e carinho Deus por favor ajude ele.

A frase sublinhada e a palavra MENTIRA escrita logo abaixo, contrastam com esta última escrita. A pessoa pede ajuda de Deus mas recusa a doutrinação religiosa.

Esta presa, encontrou uma forma de expressar idéias e sentimentos pela escrita. São bilhetes para ela mesma(?), desabafos, ameaças, súplicas e avaliações surpreendentemente lúcidas que provam algumas afirmações de Goffinan e Foucault:

-"lugar cheio de regras", "A instituição total se organiza por "uma seqüência imposta de cima para baixo de regras explicitas"(Goffinan,1990:18);

-"a civil manda e o Diretor não existe". A vigilância hierarquizada e piramidal que tem um chefe no topo, mas é o aparelho inteiro que faz circular o poder (Foucault,1987, p148). Aqui é preciso sublinhar que a pessoa que escreveu está criticando a ausência de poder do Diretor da prisão (chefe) e idealizando uma autoridade superior que deveria resolver seu problema que é assim assumido indevidamente pela polícia ("civil"). Aliás, numa outra página

¹⁵ Lista de três nomes por extenso que abrevio para resguardar a pessoa que escreveu.

ela mostra confiança no Diretor, aquele que tem a autoridade sobre todos os outros funcionários. Aqueles funcionários que lidam diretamente com os presos são claramente percebidos por eles como inferiores em poder e em discernimento e assim há esperança que o distante superior seja mais correto e justo.

- "acham que são os donos da verdade só porque nos trancam e abrem".
" ... a equipe [dos funcionários] se vê como pessoas superiores e corretas e vê os internos como inferiores, fracos, censuráveis e culpados ... "(Goffman, 1990, p 19). O poder dos funcionários é percebido pela prisioneira como fundamento apenas pelo direito de trancar e soltar, isto é, uma autoridade violenta e sem qualquer legitimidade.

- "estamos sendo tratados como bichos a qual só temos direito a tranca".
"As instituições totais são fatais para o eu civil do internado ... " (Idem, p. 48). A escritora prisioneira e totalmente consciente de que na prisão ela deixou de ser gente, de fazer parte da sociedade organizada, não tem mais seus direitos civis sendo tratada como "bicho". Os textos também falam da saudade dos filhos. Numa das minhas idas a prisão fui levada para conhecer um bebê recém nascido. Fiquei sabendo que havia um lugar para mulheres com bebês. A criança não tinha ainda um mês e vi outra mãe com o bebê no mesmo quarto. A primeira contou-me que estava presa por que havia matado a cunhada. Vivia numa cidade do meio oeste de Santa Catarina. Sua cunhada, prostituta, trazia colegas para namorar com o irmão, marido da prisioneira. "Ela não gostava de mim e eu matei ela".

Uma situação como esta é um exemplo de uma situação limite. Disputas interpessoais, impossibilidade de diálogo, abandono, falta de cuidados ou amparo coletivo fazem parte de muitas histórias de vida onde a miséria material anda junto com problemas emocionais. Atribuir a herança genética a causa da criminalidade é uma forma muito simplista. A área da psicologia tem avançado nos estudos da agressividade. A psicodinâmica mostra a dialética de impulsos contraditórios agressivos e amorosos em todas as fases da vida humana. O crescimento e o amadurecimento implicam na afirmação do ser

humano e oscilam entre egoísmo e altruísmo¹⁶. Mas ainda está longe o dia, infelizmente, em que a psicologia seja incluída no mundo da prisão. Além disto, a criminalidade é delimitada pela cultura a respeito do que é justo ou injusto, crime ou boa conduta. Por exemplo, matar um inimigo é considerado ato de coragem para um guerreiro ou militar. Mas na vida civil comum, o homicídio é punido com a prisão ou com pena de morte em muitos lugares do mundo.

E todos sabem que pagar o crime na prisão não torna o prisioneiro mais educado, mais adulto. O confinamento da forma como é projetado pela modernidade e vivido pelos prisioneiros, resulta em revolta e traumas pessoais ou mesmo ligações com grupos criminosos. E as passagens pela prisão tendem a repetir-se.

O que está dentro, está fora: O Mundo desencantado e os artistas marginais

No mundo de fora, o da sociedade moderna, o cidadão está livre para dormir, divertir-se, brincar, trabalhar em diferentes lugares, com diferentes participantes e sob diferentes autoridades e sem plano racional geral (GOFFMAN 1990, p. 17). Este mundo de liberdade (tantas vezes sonhado pelo prisioneiro) é um mundo desencantado, triste e ocioso. A arte moderna e contemporânea expressa esta visão tanto na obra de artistas da elite como nas do que surgiram de dentro dos grupos marginalizados. Para exemplificar este tema, apresentamos algumas observações sobre trabalhos dos pintores americanos Edward Hopper (da elite) e Jean-Michel Basquiat (marginal) e o escritor francês Jean Genet (marginal).

O mundo desencantado

O pintor americano modernista Edward Hopper (1882-1967) combinando paisagens naturais, arquitetura e pessoas faz desfilarem diante dos seus e nossos olhos como é a liberdade num país moderno. Algumas de suas pinturas (imagens a seguir) falam da liberdade do trabalhador rural e urbano (Via

¹⁶ Ver por exemplo Baldwin, Teorias do Desenvolvimento da Criança, São Paulo: Pioneira, 1973.

Rápida de Quatro Faixa, No Escritório, à Noite e Sol num Café); liberdade para o ócio (Domingo, Summertime); liberdade de viajar (Compartimento C); acesso a cultura urbana (Cinema em Nova Iorque, Intervalo); liberdade de divertimento nos bares e locais de férias (Noctâmbulos).



Ilustração 1. Hopper, Via Rápida de Quatro Faixa. 1956
Liberdade para o tédio na beira da moderna via de grande velocidade.



Ilustração 2. Hopper, No Escritório, à Noite, 1940

Liberdade entre quatro paredes: onde o entusiasmo, a vitalidade?



Ilustração 3. Hopper, Sol num Café, 1958
 Liberdade para solidão.

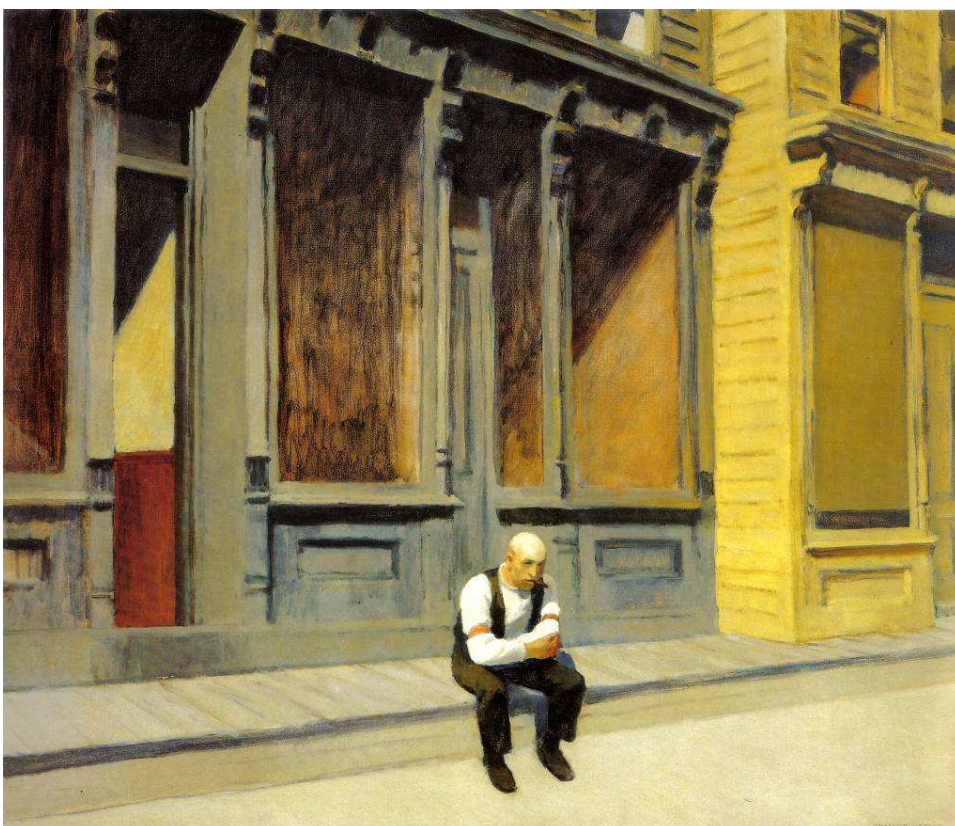


Ilustração 4. Hopper, Domingo, 1926
 Liberdade sem horizonte.



Ilustração 5. Hopper, Summertime, 1943
 Liberdade para olhar para nada.



Ilustração 6. Hopper, Compartimento C, vagão 193, 1938

Liberdade para vagar em solidão.



Ilustração 7. Hopper, Cinema em Nova Iorque, 1939

Liberdade para mulher ser trabalhadora, mas só ter como meta esperar pelo fim da repetição do mesmo filme.



Ilustração 8. Hopper, Intervalo, 1963

Liberdade para procurar cultura ou diversão saindo da solidão da própria casa e encontrá-la de novo entre um ato e outro do espetáculo no teatro vazio.



Ilustração 9. Hopper, Noctâmbulos, 1942

Liberdade de seguir pelos bares noturnos, solitários entre solitários.

Em Hopper, a sociedade moderna da liberdade é mostrada sob um olhar ao mesmo tempo frio e comovente de vazio, tristeza, tédio. A natureza está alterada pela vida moderna (Solidão) e chega a se resumir na cor do céu nos raios do sol (Sol da manhã) ou no vento mexendo panos (Vento da noite): a mesma natureza que o prisioneiro pode perceber no seu confinamento. O trabalho e a diversão, a intimidade tudo é desvitalizado, tedioso. Um presente confortável entre tempos e lugares diferentes e incrivelmente vazios de expectativas. Hopper ilustrou a profecia de Max Weber (1864-1920), o

desencanto do mundo moderno. Visionário dos rumos da sociedade capitalista, este sociólogo alemão salientou em seus estudos sociológicos a importância do vínculo legítimo entre quem manda e quem obedece. No caso da sociedade moderna a obediência voluntária, que legitima o mandato do grupo dominante, está na racionalidade com orientação a fins e não a valores. As empresas modernas, assim como o Estado assentam-se no valor dos fins estritamente quantificáveis e objetivos, base da produção capitalista. "Obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas a regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer" (COHN, 2002:129). Esta delegação de poder fundamenta a ordem da sociedade. Não se discute os fins que se tornam auto-explicáveis pelo objetivo do trabalho alienado, percebido assim pelo trabalhador como um serviço em si, sem sentido algum. Como não há valores a defender, a decisão individual é sacrificada para tornar-se apenas uma ação resignada para participar numa sociedade que, sim, expande conforto material. A natureza, o trabalho, a intimidade, a cultura urbana e os divertimentos estão sob o controle de uma racionalidade abstrata cujos fins são de natureza material. A razão inquestionável é o fim último, desvitalizadora da Natureza.



Ilustração 10. Hopper, Solidão, 1944
 Natureza desvitalizada pela modernidade racionalista.

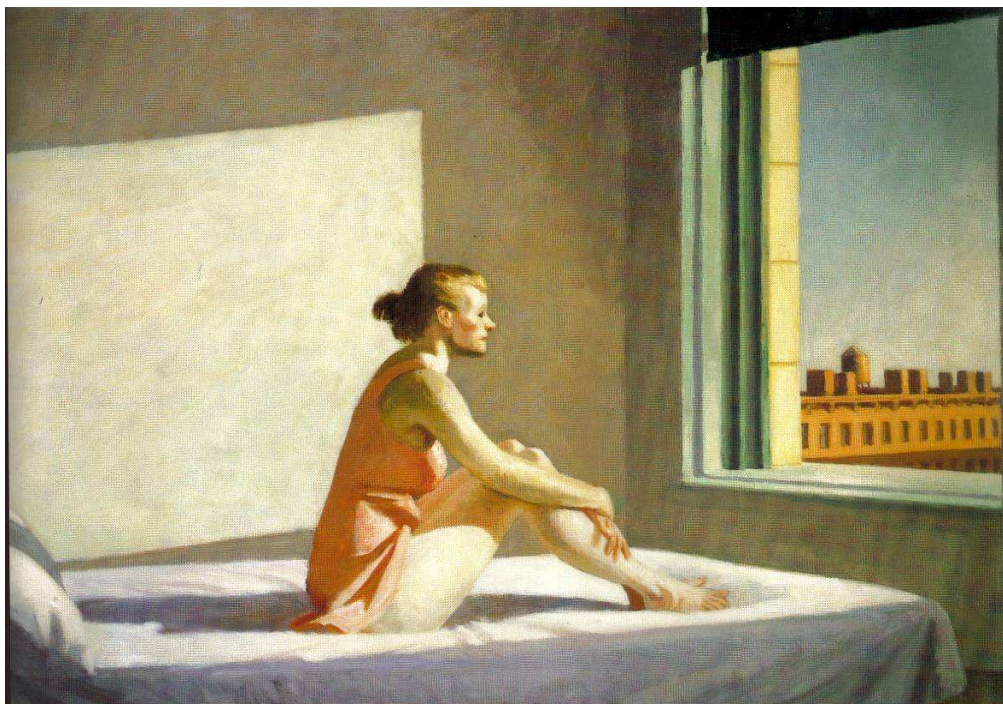


Ilustração 11. Hopper, Sol da manhã, 1952
Desesperança incapaz de absorver a força do sol.



Ilustração 12. Hopper, Vento da Noite, 1921
O vento que movimenta naturalmente as cortinas desperta apenas uma fria curiosidade instantânea.

O indivíduo troca seu trabalho pela perda de seu direito a encontrar e defender valores, seu direito a decidir sobre a própria vida, seus sonhos para si e para os outros. Dele é roubado seu direito de criar que é parte do movimento da vida, imprevisível, da história de todos. Como mostra Hopper, são pessoas bem vestidas, livremente fazendo parte do mundo e que perderam o encantamento do mundo, alienados da natureza, do trabalho e da própria intimidade. Seus olhares são perdidos, seus corpos imobilizados, olhos contemplativos e corpos lânguidos, pacatos, apenas recebendo o que vem de fora, sem vida interior, cada pessoa em sua própria solidão, lado a lado, sem comunicação entre si. Deles ninguém está esperando que procurem algo mais e não buscam nada além do que já está posto. A ociosidade desalentada dos prisioneiros não é portanto desconhecida da sociedade do trabalhador moderno.

A arte dos marginais

O conforto alienado da sociedade americana e europeia apresentados por Hopper, convive com a indignação e a revolta do mundo dos que são excluídos desta sociedade. Contrastam com os pacatos cidadãos trabalhadores urbanos. Crianças abandonadas, jovens sem estudo, homens desempregados, vizinhança turbulenta, drogas, prostituição. É o lado sombrio da sociedade moderna que não aboliu a desigualdade econômica e social. O quarto mundo esta ali mesmo dentro do primeiro mundo. Na verdade, o submundo ilegal e a outra face da mesma cidade legal moderna. Deste submundo algumas vezes são, às vezes, escutadas. Jean Genet (refletindo o submundo europeu da primeira metade do século XX) e Basquiat (expressando a discriminação racial americana do fim do século XX) chegaram ao mundo da intelectualidade e são tomados aqui como exemplos.

Jean Genet, no zoológico dos intelectuais franceses

Jean Genet (1910-1986) foi chamado por Sartre de "santo criminoso" (Saint Genet, comédien et martyr -1952). Genet, parisiense abandonado pela mãe e criado num orfanato até os oito anos, foi adotado por uma família de

camponeses. Acusado de roubo pela família, com 10 anos foi para um reformatório onde "aprendeu a viver". Desertor da Legião Estrangeira, vagou pela Espanha, Polônia, Tchecoslováquia onde viveu como mendigo entre mendigos. Começou a escrever na prisão de Frèsnes, na França em 1942 (durante a Segunda Guerra), impressionado com a obra de Proust "Em busca do tempo perdido", a quem se referia em entrevistas. Um cidadão polêmico, um marginal, seus textos tratam de temas polêmicos. Como o assassinato:

O assassinato não é o meio mais eficaz de ir ao encontro do mundo subterrâneo da abjeção. Ao contrário, o sangue derramado, o perigo constante em que estará o seu corpo que pode um dia ser decapitado (o assassino recua mas o seu recuo e ascendente) é a atração que ele exerce pois lhe supõem, por tão bem opor-se as leis da vida, os atributos mais facilmente imaginados da maior força, impedem que esse criminoso seja desprezado. Outros crimes são mais aviltantes: o roubo, a mendicância, a traição, o abuso da confiança etc. são estes que escolhi cometer, ao passo que sempre permaneci habitado pela idéia de um crime que, irremediavelmente, me separaria do mundo de vocês. (GENET, 1986, p.101).

Seus escritos foram conhecidos por Jean Cocteau, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Andre Gide, Paul Claudel, entre outros intelectuais franceses. Em 1948 foi condenado a prisão perpétua por roubo e libertado graças a uma petição assinada por aqueles intelectuais. " Este ladrão que vocês podem mandar para a prisão pelo resto da vida será um dos maiores escritores da língua francesa", repetia Jean Cocteau. Por sua vez, Genet sentia-se como num zoológico entre os intelectuais (AZEVEDO, 2003, p. 25).

Os textos de Genet tratam de sua vida de criança abandonada, ladrão, homossexual, prostituto, traidor e escritor. Um personagem que Sartre gostaria de ter criado. Ele, outros filósofos e artistas estavam recriando a cultura européia na perspectiva fenomenológica, trazendo para a luz da sociedade realidades do submundo das grandes cidades na qual se expandia a classe média, trabalhadora e pacata. Não se tratava apenas mostrar outros locais marginais, mas elevar ao nível da reflexão e da arte os processos ambíguos de

liberdade no cotidiano incluindo a intimidade do corpo e a sexualidade¹⁷ das propostas de liberdade política e intelectual no meio daqueles tempos de guerra. Sartre escreveu uma trilogia em forma de romance com o título de "Caminhos da Liberdade". Nela ele escancara misérias e heroísmos íntimos na França da Segunda Guerra.

Não é de estranhar a admiração dos intelectuais por este original escritor, Genet. Sua literatura é espontânea, sem o peso da tradição erudita francesa e profundamente contestatória. Genet escreve sobre seu si mesmo, sobre seus companheiros de vagabundagem, sobre seus amores, homossexualismo, suas roupas e camas imundas; nada de idealismo, nenhuma proposta política revolucionária: fala de sua própria miséria sublimada pela poesia.

Este livro não pretende ser, prosseguindo no céu o seu caminho solitário, uma obra de arte, objeto destacado do autor e do mundo. A minha vida passada, eu podia contar com outro tom, com outras palavras. Dei-lhe uma feição heróica porque tinha em mim o que é necessário para fazê-lo, o lirismo" (GENET, 1986,26 l).

Genet escreve com as vísceras, para dar sentido a sua vida marginal que não queria deixar; não escreve para ninguém a não ser para si mesmo. É o que diz numa entrevista para a revista francesa Magazine:

... tratava-se de minha atitude para a língua francesa, que quis trabalhar e a qual quis dar uma certa forma, a mais bela possível, sendo o resto [o reconhecimento pelo público] completamente indiferente" (Idem: 261). Rebelia heróica com aquilo que não pode ser dito. Nenhuma vontade de ser reeducado, nenhuma nostalgia de um modo ao qual seria bom ser integrado; apenas a busca da beleza de forma espontânea para falar da sua própria marginalidade heróica. Marginal na França, mesmo sendo reconhecido pela inteligência francesa, tornou-se solidário do movimento dos palestinos, amigo pessoal de Arafat. Mas continuou fiel a sua vida de exclusão e insegurança: " No dia em que os palestinos ficarem institucionalizados, eu não estarei mais ao lado deles", teria afirmado (CASTELLO, 2003, p.30).

¹⁷ Nas vanguardas artísticas do século XX, o artista plástico deixou seu lugar de observador sendo corpo um tema e um meio de expressão de transformação das artes visuais. Iniciou-se a desmistificação da obra de arte como produto acabado e a valorização como arte do mesmo processo criativo: Glusberg, (1987). Action Painting (1940), Assemblage (1920), Environmets (1930), Body Art (1960), Performance (1970), Happening (1970), estes movimentos, entre outros, expressam a valorização do corpo não mais como objeto de contemplação mas como produção de arte, dentro da tendência fenomenológica que perpassa a cultura no século XX.

Basquiat, o mascote de galeria

Jean-Michel Basquiat (1960-1988) artista negro, americano da década de 80 foi precocemente incorporado pelo circuito das galerias de Nova York; girando pelo mundo do mercado da arte internacional. Teve uma curta e intensa carreira no meio artístico morrendo de overdose com apenas 27 anos.

Nasceu em 1960 em uma família classe média de emigrantes mestiços (o pai um contador haitiano, a mãe filha de porto-riquenhos). Sua infância foi marcada pela mãe que lhe apresentou aos museus, por um grave acidente de trânsito que sofreu, pelo o divórcio dos pais, por seus conflitos com o pai. Desenhando, escrevendo mas sem sucesso nas escolas e fugindo de casa, acabou frequentando aos 17 anos uma escola para jovens desajustados em Nova York. Com seus colegas de escola passou a assinar grafites e tomou-se conhecido pela mídia. Fez parte de bandas e frequentou clubes, galerias onde tornou-se conhecido no meio artístico.

Na década de 80 as galerias de arte americanas dominavam mundialmente o circuito das Artes Plásticas. Desde a década de 60, a pesquisa estética "livre" aproximou-se mais e mais do consumo capitalista. O movimento pop americano, por exemplo, não tinha muitos escrúpulos em produzir arte como uma mercadoria. Depois da Segunda Guerra, os Estados Unidos se tomaram o centro hegemônico da economia e da arte. A Europa se debatia na crise contra tradições e cânones. A América era autônoma e livre para a descoberta, invenção e ímpeto criativo.

A cultura americana (...) ignora (...) a proporcionalidade de base: a ciência não é uma atividade em contraste com uma cultura fundamentalmente humanista e não tem limites a seu progresso, da mesma forma como arquiteto pode erguer um arranha-céu com mais de cem metros de altura sem violar qualquer medida proporcional, ou pintar lançar tintas ao acaso ou cobrir uma enorme superfície com uma cor uniforme sem ofender a memória de Rafael ou Rembrandt (ARGAN, 1999, p 507).

A autonomia estética correspondia às leis do marketing. As galerias de arte criaram um nicho para um mercado das artes altamente rentável.

A cultura americana é indiferente com a origem ou a tradição do artista e da arte, desde que a obra e mesmo o estilo do artista corresponda às leis do mercado, isto é, gere lucros.

Basquiat era muito jovem (18 anos) quando foi descoberto por galeristas. Ele era um artista negro precoce, original, zangado, capaz de uma explosiva criatividade quando chamou a atenção de galerias de Nova York. Girando neste circuito durante toda sua curta vida, expôs em galerias de Modena (Itália), na VII Documenta de Kassel, em Tóquio, em Los Angeles.

Basquiat esteve sempre consciente da falácia do seu sucesso no mercado. Em 1982, com apenas 22 anos ele expõe na Fun Gallery "o bastião radical de East Village,[num] esforço de reconquistar alguma credibilidade das ruas com seus antigos companheiros de graffitis e da cena rap - e um protesto contra a exploração e marketing de si próprio, que tanto o repugnou durante a sua estadia em Modena como "a mascote da galeria" de Mazzoli" (EMMERLING, 2003, p 57). Basquiat afirma que queria ser estrela e não uma mascote de galeria... Ser uma "estrela" verdadeira, pois ele acreditava na sua arte assim como respeitava a arte que conheceu e amou desde criança. Era mais que um furioso e mero rebelde grafiteiro nova-iorquino. Nas suas pinturas frequentemente apareciam referências á obras de artistas consagrados como Leonardo da Vinci, Manet e Dubufet. Nada há de mero espontaneísmo rebelde no seu quadro que coloca como figura central a figura da mulher negra da obra "Olímpia" de Manet.

Se a mulher negra é uma raridade na pintura européia, é ainda mais indicativo de um racismo subjacente quando aparece, como na obra de Manet simplesmente como criada de uma beleza branca nua." (EMMERLING, 2003, p 50).

Algumas obras de Basquiat:

Ilustração 13. Basquiat, Sem Título, 1982. Recorte da pintura modernista “Olympia” de Édouard Manet

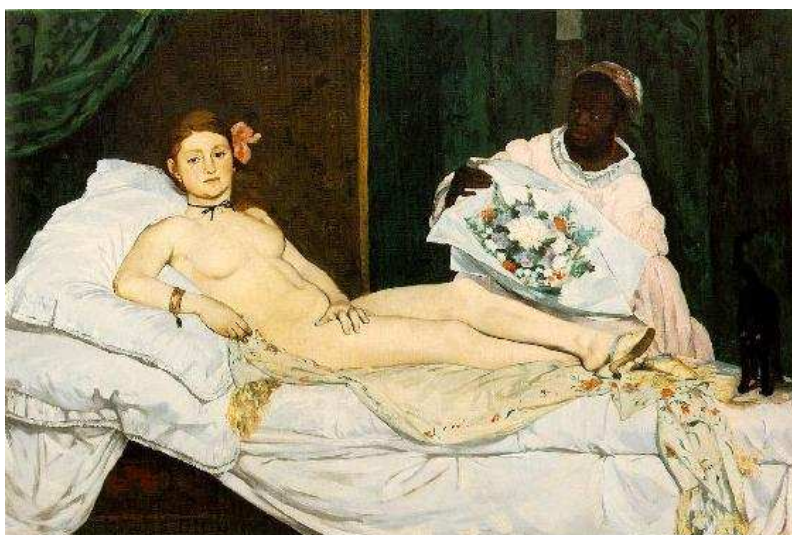
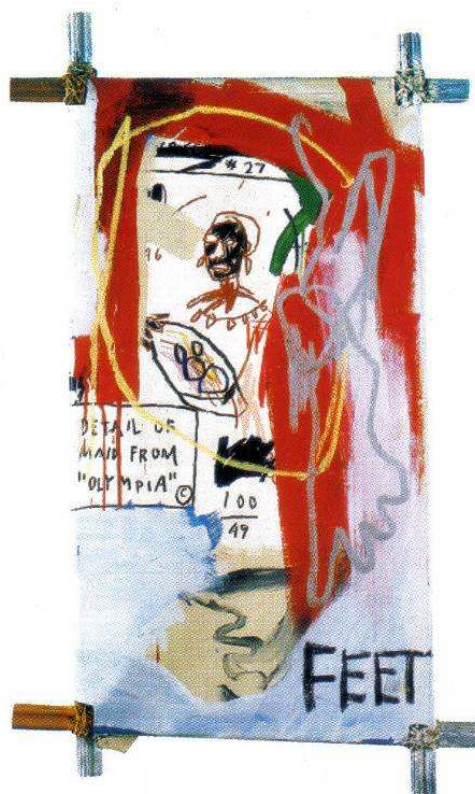


Ilustração 14. Édouard Manet, Olympia. Paris, 1863

Basquiat denuncia o racismo pintando apenas a mulher negra, detalhe meramente decorativo na obra “Donzela de Olímpia”; em primeiro plano a mulher branca superior.



Ilustração 15. Basquiat, Asbesto, 1981-82

Informalidade do grafitti e temas fortes de adolescente negro nos Estados Unidos



Ilustração 16. Basquiat, Beat Bob, 1983

Escola: giz branco no quadro negro; o negro é base para o conhecimento e o racismo branco.

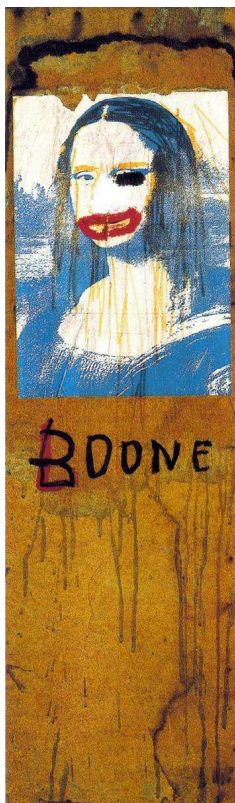


Ilustração 17. Basquiat, Boone, 1983

Basquiat critica sua mecenas (Boone) pixando Mona Lisa de Da Vinci.



Ilustração 18. Basquiat, Sem Título, 1981

Encontro do informalismo do grafitti com a releitura de Dubuffet.

Seu trabalho artístico reflete sua inteligência aguda consciente de sua condição de artista mascote de galeria.

... Basquiat cultivava uma aversão ao marketing da sua própria arte numa forma de brutalidade simbólica. Um quadro de 1982 Cinco Mil Dólares consiste numa tela de dois tons de castanho, na qual ele escreveu o valor pretendido pelo quadro em palavras e números. (EMMERLING, 2003, p. 46).

Ele buscou a aproximação com Warhol. Talvez como um pai substituto para sua carreira entre os galeristas calculistas. Mas encontrou um artista que começava a acreditar no seu próprio cinismo: "ser bom nos negócios é mais fascinante de todas as artes", escreve Warhol em "A filosofia de Andy Warhol" (EMMERLING, 2003, p. 72). O fascinado Basquiat e o cínico Warhol associaram-se produzindo e expondo obras feitas em conjunto. A realização de um sonho para o mais jovem, talvez uma nova oportunidade para o artista maduro, já quase fora do mercado. Mas foi uma experiência quase sem sucesso como arte ou de vendas (idem p. 67). Em 1988, um ano depois da morte de Warhol, Basquiat morreu tomando um cocktail de drogas.

A obra de Basquiat testemunha sua crença na arte como seu projeto, sua missão. Uma trajetória de coragem, sensibilidade, inteligência, força criativa gerada entre seus sonhos e a hipocrisia da sociedade capitalista moderna. Entre suas viagens de "negócios artísticos" e a busca do paraíso no Haváí onde se refugiava, buscava também suas raízes africanas. Expôs na Costa do Marfim e, no meio de suas pinturas grafite, povoada de heróis/santos americanos do mundo do jazz, do boxe, das penas no alcatrão grudados nos escravos entre as vítimas da justiça branca, faz pinturas citando diretamente pinturas rupestres africanas.



Ilustração 19. Burchard Brntje:
African Rock-Painting (cópia do
original pelo autor)

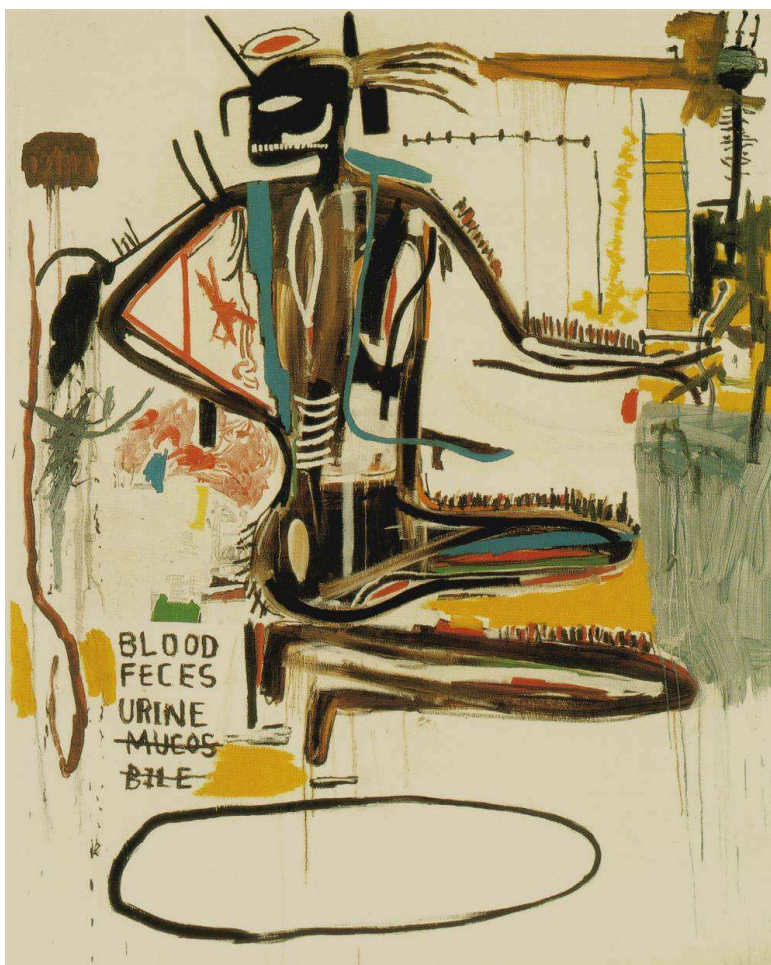


Ilustração 20. Basquiat, Faringe, 1985
Basquiat busca as origens africanas envolvendo-as em seus dilemas.

Nada mais Lúcido do que a revolta de Basquiat contra seu papel de mascote de galeria. Nada mais contraditório que todo o brilho precoce obscurecido pelo mundo do consumo. De 1983 e sua pintura "Notário" que pode ser entendida como parte de seu testamento:

...um auto retrato com cláusulas legais, ou como uma descrição codificada da situação em que se encontrava Basquiat, completamente sugado, defrontando-se com a realidade de que qualquer valor ideal que ele quisesse transmitir no seu trabalho, ainda assim seria sempre considerado como um produto de valor financeiro, arrastando para o remoinho incontrolável da circulação e acumulação de dinheiro (EMMERLING, 2003, p. 41).

Sobre poesia/pintura/grafite "Jimmy Best" de Bastian escreveu Rene Ricard:

Como qualquer pessoa que tenha estado no Reformatório de Riverhead pode dizer, os Negros e Latinos mais espertos, mais fortes, mais determinados, mais inteligentes e melhores, são sistematicamente neutralizados e desencorajados pelas rigorosas regras da prisão (EMMERLING, 2003, p 54).

Basquiat não chegou a ser preso mas as regras da sociedade neutralizaram, desencorajaram sua liberdade de viver como a estrela que queria ser e ele não viveu mais que 27 anos.

Com Hopper nos percebemos contemplativos e nostálgicos, vendo desfilar diante dos olhos o mundo desencantado da classe média americana. Genet e Basquiat nos fazem sentir como este desencanto se manifesta na própria vida dos marginalizados. Genet sentia-se atrás das grades de um zoológico entre intelectuais franceses; Basquiat como um mascote de galerias de arte. O artista genuíno nascido entre as contradições da sociedade moderna percebe-se como um bicho de estimação. Aves raras que dizem verdades importantes por produzirem discursos originais ou dinheiro? Isto seria acreditar que suas vidas foram vãs que viveram não tem sentido. Mas a lucidez deste conhecimento é verdadeiro porque nasceu da dor gerada entre as engrenagens da modernidade. Sentindo o que eles sentiram, talvez tenhamos coragem para acreditar em nossas próprias indignações. E nestes artistas marginais que teimaram inventar outra humanidade.

É claro que ninguém tem dúvida da necessidade de ser livre, ir para longe do círculo de opressão da prisão, do "plano racional geral", como diz Goffman. Mas já há bastante tempo se questiona sobre a "liberdade", da racionalidade da civilização moderna. Disto se ocuparam e se ocupam muitos e muitas, trabalhadores, políticos, filósofos, cientistas e artistas.

Mas, sendo a prisão humanizada (pensada como substituta do suplício e um lugar de reeducação para reingressar na sociedade) para qual sociedade voltariam os criminosos redimidos? Não seria para esta mesma sociedade que os classifica de criminosos? As condições da vida atual oscilam entre o caos econômico e social e o grande vazio na política. Como coloca Ortega (2000, p. 12) nossas condições de sociabilidade são de extrema pobreza. Esta carência estaria presente como imaginário político hierárquico expressados pelo pensamento representativo da filosofia moderna e pela democracia representativa e partidária. O autor propõe a superação do vazio no campo da política recuperando alguns pensadores. "Existe importantes pontos de confluência entre o pensamento de Hannah Arendt e de Foucault, Derrida ou Deleuze. Minha tese é que, no fundo, todos esses autores visam uma alternativa política que vai além de uma política partidária e que propõe a recuperação do espaço público: a política compreendida como atividade de criação e de experimentação (idem, p 23). Seria pelo exercício político através do conceito da amizade, saindo das suas ligações com o imaginário da família e da solidariedade da modernidade. Esta noção quer trazer o gosto da experimentação e a criação de algo novo para o espaço da política pela amizade. "Ante uma sociedade que limita e prescreve as formas de relacionamento, a amizade seria a experimentação de novas formas de sociabilidade" (idem, p 13). O modelo estático criado pelos filósofos modernos e legisladores corresponde a democracia representativa, ou, como diz Arendt, ela é uma oligarquia (idem, p 18). É a democracia representativa oligárquica baseada na desigualdade que desqualifica a ação da maioria dos sujeitos no espaço coletivo. No terror fascista-estalinista qualquer possibilidade de ação com significado subjetivo foi totalmente aniquilada. Nada mais contrário aos princípios de autonomia e soberania do povo, raiz da palavra democracia. A

estrutura da política depois da Segunda Guerra mundial não superou o modelo moderno. As teorias performáticas de Arendt e a da genealogia da subjetividade de Foucault enfatizam que a liberdade civil está para ser construída. Na visão de Arendt liberdade implica em valorizar a ação com sentido subjetivo e na dinâmica de uma situação. De certa forma passa muitas vezes pela negação de respostas automáticas a regras, leis do Estado, negando sua condição de ordenador da unidade pela legitimado pelo princípio abstrato da universalidade. Como defende Arendt, entre outros, o Estado não é o local da política:

... não existe nenhum local privilegiado para a ação política, isto é, existem múltiplas possibilidades de ação, múltiplos espaços públicos que podem ser criados e redefinidos constantemente, sem precisar de suporte institucional (...) agir e começar, experimentar criar algo novo (ARENDR in ORTEGA, 2000,pag 23).

Foucault também considera que a liberdade civil está fora da ordem legal. A liberdade seria "liberdade pública, isto é, liberdade de cada pessoa para constituir a própria existência segundo critérios estéticos: a ética do cuidado de si como a prática da liberdade" (Ortega:28).

A defesa da democracia passa pela crítica radical da filosofia racionalista seja pela fenomenologia de Arendt ou pela desconstrução genética de Foucault, entre outros. Eles propõem o deslocamento da política para fora do Estado e dos partidos. Para a democracia ser vivida pelos cidadãos, estes precisam ser pensados como sujeitos completos, tão virtuosos ou limitados como todos. Só assim a ação política é capaz de ter significados estéticos e éticos para o sujeito.

A falência da instituição prisão é parte da falência do imaginário moderno: faz parte do mesmo universo do vazio político dos cidadãos livres. Sem espaço para exercer sua própria liberdade, como os cidadãos livres poderão imaginar uma alternativa para lidar com o crime a não ser na forma de prisão? O imaginário moderno não pode ir além, não pode sobreviver sem um lugar para vigiar e punir os que vão contra a democracia oligárquica moderna. E assim não param de ser erguidos prédios panópticos, violados direitos humanos, criados conceitos pedagógicos purgativos como o de "prisioneiro e

reeducando", incorporadas tecnologias de ponta para rastrear e isolar prisioneiros, etc. Tudo isto não permite que a reconhecida falência para lidar com o crime na sociedade atual seja possível de ser superada. É o paradigma moderno que está falido; ele suas instituições universalistas e moralistas como a prisão.

Contribuindo para a discussão da questão, Ortega (2000) coloca a alternativa da "política da amizade". A estrutura dos poderes da democracia liberal está fundada numa universalidade que é uma hierarquia na qual os que detém o poder tem a legitimidade de impor suas vontades. A universalidade é sim uma parcialidade: a verdade universal é a dos dominadores. O princípio abstrato da universalidade nega princípio da igualdade ao estabelecer uma ordem social moralista e estática. A igualdade seria possível na política da amizade de Ortega: na amizade não há superiores e inferiores pois nenhum busca o controle sobre o outro, ambos tem fundamentalmente os mesmos méritos e limitações . Na amizade o sujeito se vê diante de outro sujeito sem nenhum princípio universal de superioridade. É ai que se dá a possibilidade de troca igualitária em que a opressão se torna imediatamente visível e, portanto possível de ser superada através de uma ação coletiva livre, criativa. Uma ação performática isto é, em situação, fenomenológica, não num plano abstrato. Como qualquer finalidade universal e moral não é preestabelecida, a liberdade possibilita uma relação dinâmica, de jogo e não mais de obediência a hierarquias preestabelecidas. No plano coletivo a história do século XX demonstrou que a conquista da igualdade vem se insinuando em experiências locais de democracia participativa.

Desconstruir o moralismo e o legalismo naturalizados pela modernidade não é uma questão apenas teórica nem muito menos se resolve com a tomada dos poderes de Estado. Implica numa lenta, e mesmo penosa microrevolução (subjativa, local) na qual o modelo da amizade aponta um caminho. Os problemas sociais, econômicos, ecológicos, culturais do mundo atual não tem como ser solucionados pelo modelo político moderno, racionalista e universalista/moralista. Os desrespeitos às liberdades (cultural e pessoal) e a igualdade (reconhecendo a riqueza da diversidade, do outro), impedem a

construção criativa do coletivo. É necessária uma mudança radical no discurso e na prática política da qual depende talvez, a sobrevivência do próprio planeta.

Conclusão

Estes apontamentos são parte de um caminho que procura na arte e na estética mais do que um produto aceito pela civilização moderna. A escolha prisão como campo para reflexão foi uma tentativa de aproximar estes campos nunca relacionados no imaginário comum. Muito do que tem sido chamado de arte na atualidade está muito distante do belo. Sua força está no sublime, na expressão da indignação frente a desigualdade presente na lógica do modelo modernista (racional e hierárquico). A criatividade não se manifesta no adorno, mas esta encarnada na situação, na história e nos sujeitos em relação: ela está comprometida com a realidade. A sensibilidade em situação real espontaneamente joga-se no complexo, disforme alcançando relações entre as partes que aparentemente não se comunicam. A ordem é buscada por todos, mas a usurpação legitimada de alguns, mostra a modernidade como caos evidente.

Esta dialética de ordem e caos permeia a arte ocidental nas biografias e nas obras dos artistas. O sublime ideal tem por trás a dor dos limites do mundo e do sujeito. A expressão deste paradoxo pelas artes na atualidade (que, aliás, não é aceita pelo público e manipulada pelos meios de comunicação) mostra os limites do modelo da civilização moderna.

A visão universalista da racionalidade organiza as hierarquias éticas e sociais. O ponto de vista dos discriminados e, ao mesmo tempo, obediente e rebelde da ordem numa ambiguidade de revolta e culpa, mostrando a sombra da racionalidade da modernidade.

O impulso para a criminalidade não é a sedução pelo mal. O discurso de jovens das favelas cariocas e a do guerreiro não é a do desordeiro sem causa. Ousando arruinar a própria vida, passam travando combates para afirmar seu desejo de viver. Demonstram que estão conscientes que, para eles, a ética do

trabalho só lhes atira as sobras da sociedade. A "lógica do ferro e do fumo" é a ordem da desordem das favelas (Zaluar, 1994). A arma e a droga são os instrumentos da luta arriscada pelo dinheiro fácil, impossível de conseguir dentro das relações de trabalho. E pelo prestígio com as mulheres e respeito frente o próprio grupo. Não é difícil ver nesta a mesma lógica local nas constantes guerras internacionais (tantas vezes associadas com o lucrativo tráfico internacional de drogas) em nome da defesa da liberdade e da ordem civilizatória. Não se trata de justificar a violência nem imaginá-la como necessidade puramente material. A "pequena guerra" dos jovens favelados também é resultado de uma indignação reativa diante de uma brutal desigualdade. Vivemos todos numa ordem geral e particular violenta que nos desafia a ir além das aparências para sobreviver como sujeitos adultos.

Atrás dos muros da prisão está uma parte da desordem do mundo que nos atrai e repugna ao mesmo tempo. Coragem e covardia, medo e compaixão, impotência, crítica, teorias e planos sentidos num segundo. A ambivalência e quase paralisante como culpa de não ter respostas para um pedido de socorro por algo indefinido e assombrosamente grande. Vincular-se é uma tarefa difícil. A lógica da situação desqualifica o prisioneiro e os funcionários. Todos vivendo entre amortecidos e revoltados entre ações de voluntários que pretendem, se não salvar, modificar o ambiente. Sem nunca resolver os impasses e pouco conhecer da prisão feminina, algumas migalhas de satisfação foram possíveis em conversas amigáveis.

Pela experiência que o pequeno espaço de tempo que me foi dado conviver na prisão, constato que ele foi suficiente para perceber a necessidade de vencer meus próprios preconceitos para começar a conhecer a lógica local. Só assim seria possível propor alguma alternativa que tivesse sentido tanto para uma atuação local menos impulsiva e assim contribuir de forma mais significativa na prisão.

O que está dentro dos muros da prisão está fora, a lógica da desordem não é diferente da ordem. A experiência na realidade dentro da proposta de reflexão estética levou-me a relacionar a lógica da modernidade com algumas obras de arte consagradas. Assim identifiquei em Hopper o exemplo de uma

visão de dentro da própria modernidade contemplando o mundo desencantado da sua lógica o discurso dos artistas marginais Jean Genet e Basquiat, mesmo valorizados pelo mundo da arte resultaram na percepção de ambos como animais exóticos de contemplação. A desigualdade assentada não se resolve apenas no reconhecimento das obras e sua valorização material ou do campo das artes. A "amizade" como base da igualdade precisa estar assentada na reciprocidade. O desencanto do mundo pede o encantamento de todos por projetos que respeitem tanto as virtudes e como as limitações dos sujeitos.

A privação da liberdade é um limite poderoso para criar um mundo sem muros. A ordem desordenada da prisão se espraia e dinamiza os mundo da estética e da política. Aproximar caos e ordem em realidades aparentemente diferentes, aponta para a possibilidade de decifrar as relações complexas da realidade. O que aqui foi apresentado é apenas uma experiência que pede outras, mais reflexões e principalmente, ações.

Bibliografia

- ARGAN, Giulio C. A crise da arte como "ciência europeia". In: **Arte Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- AZEVEDO, Reinaldo. **A liberdade radical**. **Bravo!** São Paulo, ano 6, n.70, pp. 25-28, julho 2003.
- BAUMANN, Zygmund. **Ética e Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- CATELLO, José. **O Santo de Mãos Sujas**. **Bravo!** São Paulo, jul. 2003.
- COLIN, Gabriel. Introdução. In: **Weber**. 7. ed. São Paulo: Atica, 2002.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- EMMERLING, Leonhard. **Basquiat**. Colonia: Taschen, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 27.ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GENET, Jean. **Diário de um Ladrão**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- HASSEN, Maria de Nazareth. Da visita íntima na prisão: a corporalidade negociada. In: LEAL, Ondina Fachel (org.). **Corpo e Significado**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1995.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.
- ORTEGA, Francisco. **Para Uma Política da Amizade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.
- RENNER, Rolf Gliner. Edward Hopper. **Colônia Alemanha**: Taschen, 1992.
- ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan; Ed. UFRJ, 1994.

Lista de Imagens

Ilustração 1. Hopper, Via Rápida de Quatro Faixa. 1956. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p. 83.

Ilustração 2 . Hopper, No Escritório, à Noite, 1940. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 49.

Ilustração 3. Hopper, Sol num Café, 1958. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 80.

Ilustração 4. Hopper, Domingo, 1926. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 20.

Ilustração 5. Hopper, Summertime, 1943In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 53

Ilustração 6. Hopper, Compartimento C, vagão 193, 1938. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 44.

Ilustração 7. Hopper, Cinema em Nova Iorque, 1939. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 48.

Ilustração 8. Hopper, Intervalo, 1963. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992, p 61.

Ilustração 9. Hopper, Noctâmbulos, 1942. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992; p. 79.

Ilustração 10. Hopper, Solidão, 1944. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992; p. 38.

Ilustração 11. Hopper, Sol da manhã, 1952. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992; p. 59.

Ilustração 12. Hopper, Vento da Noite, 1921. In: Renner, Rolf GUnter. Edward Hopper. Colonia (Alemanha): Taschen, 1992; p. 79.

Ilustração 13. Basquiat, Sem Título, 1982. In. EMMERLING, Leonhard. Basquiat. Colonia (Alemanha): Taschen, 2003, p 41

Ilustração 14. Édouard Manet, Olympia. Paris, 1863.

Ilustração 15. Basquiat, Asbesto, 1981-82. In. EMMERLING, Leonhard. Basquiat. Colonia (Alemanha): Taschen, 2003, p. 46.

Ilustração 16. Basquiat, Beat Bob, 1983. In. EMMERLING, Leonhard. Basquiat. Colonia (Alemanha): Taschen, 2003, p. 80.

Ilustração 17. Basquiat, Boone, 1983. In. EMMERLING, Leonhard. Basquiat. Colonia (Alemanha): Taschen, 2003, p. 9.

Ilustração 18. Basquiat, Sem Título, 1981. In. EMMERLING, Leonhard. Basquiat. Colonia (Alemanha): Taschen, 2003, p. 31.

Ilustração 19. Burchard Brntje: African Rock-Painting

Ilustração 20. Basquiat, Faringe, 1985. In. EMMERLING, Leonhard. Basquiat. Colonia (Alemanha): Taschen, 2003, p. 86.